

## **Simpósio Temático sobre o Ensino de História**

Simpósio nº 37

Da relação com o saber: condições de produção, transmissão e aquisição do saber histórico escolar

**TÍTULO:** Projeto Escrevendo a História

**AUTOR:** Sérgio Onofre Seixas de Araújo – [sergionofre@aol.com](mailto:sergionofre@aol.com)

Professor de História do curso de Turismo do Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC, professor de sociologia do curso de História da Faculdade de Formação de Professores de Penedo/AL. e membro da Direção da Anpuh-AL .

### **Apresentação:**

Buscamos a partir do presente, desenvolver uma atividade pedagógica que possibilitasse, na medida do possível, uma ampla reflexão sobre a sociedade indígena.

O presente texto descreva uma experiência didática que desenvolvemos, inicialmente, nas turmas de 5ª série do Colégio Onélia Campelo, da Rede Estadual de Ensino, localizado no bairro Santos Dumont, na periferia da cidade de Maceió-AL. Trata-se de uma comunidade carente que não tem muito acesso aos serviços públicos. Os alunos do curso noturno, em sua maioria, estão fora da faixa etária sendo egressos, na sua maioria, do Programa de Educação de Jovens e Adultos e/ou de Aceleração da Aprendizagem, ou ainda, retornando à sala de aula após muitos anos de afastamento da escola, portanto, em regra geral, com grande defasagem de aprendizado.

### **O ensino da História como atividade prazerosa**

Nos dias atuais já contamos com uma infinidade de estudos centrados em torno da prática pedagógica, em diferentes perspectivas teóricas, especificamente, no campo do ensino da História – culturalmente concebida, a partir da perspectiva da imensa maioria de nossos alunos e, infelizmente, também por alguns professores, como uma disciplina repetitiva, chata, desestimulante, ainda centrada na figura de heróis, que construíram a História a partir de seus feitos, de sua perspicácia, sua coragem e sua bravura, dentro de uma sucessão de datas (números) que mais lembra uma operação, exata, precisa, das ciências matemáticas – a partir do processo de redemocratização do país, cresce o debate em torno da relação entre o ensino e da produção historiográfica numa perspectiva de aproximação entre o conhecimento histórico e o saber histórico escolar”, o que tem redimensionado o papel e importância social da área na formação dos estudantes e apontado para a

necessidade e valorização de atividades que incentivem “as atitudes intelectuais dos alunos, o seu envolvimento nos trabalhos e o desenvolvimento de sua autonomia para aprender”<sup>1</sup>.

Transformar a experiência educativa numa experiência reflexiva rompendo com essa tradição conservadora de um ensino repetitivo centrado na memorização de eventos estanques, é o desafio que está posto para os educadores e educadoras comprometidos com um ensino criativo e participativo dos alunos que, segundo Nidelcoff envolve também a criatividade e a participação dos professores<sup>2</sup>, com um ensino que busque estimular e desenvolver no aluno a sua capacidade de analisar, formular, discutir e emitir opiniões sobre determinado assunto, estimulando assim a iniciativa e a autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos, num ambiente aberto às diferenças, com afirma John Dewey, “o aprendizado se dá quando compartilhamos experiências e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de idéias”.

Partindo dos elementos e pressupostos anteriormente descritos, buscamos desenvolver uma atividade pedagógica que possibilitasse, na medida do possível, uma ampla reflexão sobre a sociedade indígena, a partir de questões e situações problemas levantadas, levando os alunos a formularem seus próprios conceitos para depois confrontá-los com o conhecimento sistematizado.

O objetivo geral da atividade, desenvolvida em sala de aula, e que ora apresento neste XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH, consistiu em criar condições para refletir e exercitar a possibilidade de estudar e produzir trabalhos e textos historiográficos a partir de outras fontes que não o documento escrito, nesta experiência em particular, no uso de imagens iconográficas (fotos, gravuras e desenhos) que ilustram farta e ricamente os livros didáticos, buscando nos textos e documentos oficiais, um posterior aprofundamento da temática.

Refletir sobre as representações constantes em diferentes linguagens como a fotografia, o desenho e a gravura, e sobre a utilização desses como fonte de informação e de construção do conhecimento, pressupõe ainda, que tenhamos clareza de que tais recursos são “expressões de representações”, são produtos culturais, carregados de valores e, portanto, expressam contextos sócio-culturais específicos.

Quanto aos objetivos e conteúdos trabalhados na atividade, buscamos, mais especificamente: refletir sobre o modo de vida e a organização social dos povos indígenas: suas relações com o meio, entre si, e com outros povos e nações e com o “homem branco”, incentivando a produção de textos como um exercício de reflexão e como uma possibilidade do desenvolvimento das potencialidades e habilidades individuais, buscando ainda, desenvolver uma atividade interdisciplinar. Buscamos também, confrontar os conhecimentos inicialmente produzidos pelo alunos em sala de aula, sua

---

<sup>1</sup> BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história / Brasília: MEC / SEF, 1998.

<sup>2</sup> NIDELCOFF, Maria Tereza. As ciências sociais na sala de aula. São Paulo: Brasiliense, 1987.

visão e compreensão daquela sociedade, com a produção científica de diversos autores, refletindo sobre a problemática indígena na atualidade (sua vida e suas lutas, o resgate, afirmação e a preservação de sua cultura).

Quanto aos conteúdos trabalhados, abordamos um leque considerável de questões referentes a Questão Indígena: 1. A organização social, a relação desses povos com a natureza e, em especial, com a terra; 2. A divisão social e sexual do trabalho e da produção; 3. Os hábitos, costumes, religiosidade, educação e cultura e, por fim, as transformações ocorridas no interior dessas comunidades, ao longo do tempo, pela interferência da cultura europeia e, finalmente, as condições de vida e de sobrevivência das tribos e nações remanescentes.

Quanto a execução da atividade, num *primeiro momento*, após uma breve introdução da temática, iniciamos os trabalhos com a distribuição, entre os alunos, de gravuras que retratavam o cotidiano da vida dos povos indígenas selecionadas nos livros didáticos, todas as imagens trabalhadas nesse momento retratavam aqueles povos num período histórico anterior a chegada dos europeus à América. Com o objetivo de explorar ao máximo a capacidade de observação, instigamos os alunos, em duplas, a pontuarem informações gerais, detalhes e curiosidades que eles pudessem extrair daquelas imagens, neste momento, nossa intervenção e orientação limitou-se apenas a definição da forma, sem nenhuma interferência no conteúdo.

As gravuras sugeriam e indicavam vários elementos daquela cultura como: a forma de relacionar-se com a natureza; como se organizam para realizar suas atividades; como se dava a divisão social do trabalho e da produção; como proporcionavam a sua subsistência; como se dava a educação das crianças, jovens e adultos; como se vestiam e se adornavam; como eram confeccionados esse itens de sua indumentária, como e para que eram usados suas armas e instrumentos de trabalho; os meios de transporte; hábitos e costumes, as relações interpessoais; como se expressa sua religiosidade, entre outras questões.

Num *segundo momento*, com o auxílio de um retro-projetor e transparência, projetamos as mesmas imagens na parede da sala de aula, para realizarmos uma socialização das percepções iniciais de cada dupla, confrontando-as, questionando-as, relacionando-as e sistematizando-as na lousa – as questões contraditórias que persistiram, sem que houvesse possibilidade de consenso quanto a sua identificação e/ou compreensão, foram remetidas para um momento posterior de pesquisa e aprofundamento. Pretendemos, desta forma, que os erros e/ou as imprecisões, os acertos e as dúvidas dos alunos funcionassem como elementos impulsionadores da ação pedagógica, sem que tivéssemos a pressa de resolver/responder a todos os impasses, transformando-os em elementos impulsionadores e motivadores da busca à informação, enfim, da pesquisa.

Nosso objetivo nesse momento era buscar construir junto com os alunos um conjunto de informações básicas e, na medida do possível, consensuais, que caracterizassem aquela sociedade,

instigando, provocando e incentivando um debate inicial sobre o que cada grupo percebeu, buscando com isso, toda a riqueza dos dados que os diversos e diferentes olhares possibilitaram, tendo sempre como referência, para a mediação da discussão os objetivos aos quais nos propomos alcançar.

Como *terceiro momento* dessa atividade, partimos dos dados e informações sistematizadas coletivamente na lousa e propomos um exercício de produção de texto sobre a temática em questão, tal atividade foi executada individualmente.

Concluída a produção dos textos, alguns alunos foram convidados a ler, em voz alta para a sala, o seu trabalho, o resultado final variou muito na forma e na abordagem, a maioria construiu textos informativos ou descritivos, a partir das informações trabalhadas coletivamente, alguns desenvolveram narrativas, ora num tom ingênuo, ora num tom mais sério, não faltaram os versos e poemas. Quanto ao enfoque, os textos abordaram desde a descrição da vida cotidiana dos ameríndios, às relações de gênero; discussão em relação a propriedade da terra na sociedade atual e nas sociedades primitivas; o confronto da vida cotidiana do índio (em todos os aspectos) com a vida do homem moderno, seus valores, relações pessoais, convívio social, relação com o meio, trabalho e apropriação dos resultados do trabalho, não faltando as temáticas mais ecológicas, destacando a preocupação com a preservação do meio ambiente, a devastação da mata atlântica do nosso litoral e a relação homem x natureza, confrontando a importância e o respeito ao meio ambiente expresso nas ações dos índios e por nós homens e mulheres “brancos”, “civilizados”, enfim, “modernos”.

A seguir, recolhemos os textos quando procedemos uma verificação inicial quanto às abordagens predominantes, observando ainda, a correção ortográfica, pontuação, concordância e à própria estrutura, tipo e gênero de todas as produções. Este momento, teve a contribuição da professora de Português, que, em sala e coletivamente, realizou atividades de auto-correção a partir das imprecisões detectadas nas diversas produções, trabalhando ainda, a partir deles, em momentos subsequentes, formas, tipos e estilos de textos.

No *quarto momento* retomamos os textos em sala, com a sugestão de uma pesquisa de aprofundamento. A tarefa consistiu em confrontar a produção dos alunos com textos historiográficos, impressos em diferentes livros didáticos, para tanto utilizamos o livro adotado na escola e outros mais antigos que fazem parte do nosso precário acervo. A tarefa, realizada em pequenos grupos, consistiu, em primeiro lugar, folhear e localizar nos livros disponíveis textos que tratassem do tema em foco. Após a leitura os membros dos grupos deveriam discutir entre si, comparar e confrontar, as informações por eles registradas em seus textos, confirmar ou não as formulações e hipóteses levantadas, esclarecer as dúvidas e divergências não resolvidas desde o *primeiro momento* e, enriquecer seus trabalhos adicionando novas informações que julgem importantes. Na pesquisa bibliográfica buscamos complementar as omissões e insuficiências que

não conseguimos alcançar coletivamente, além de incentivar a prática da pesquisa inserida num processo de construção do conhecimento a partir da elaboração e reelaboração constante, dando sentido ao ato de pesquisar e rompendo com uma tradição maldita, verificada constantemente em sala de aula, de transcrever textos (ou pior, parte de), sem nenhuma reflexão quanto ao seu conteúdo, sem nenhum sentido prático, mera atividade para “ajudar o aluno”. Tal prática, com o desenvolvimento da informática (a despeito de sua grande importância no mundo atual como mecanismo de informação), trouxe também, com seus sites de “busca” e publicações de revistas especializadas com CDs-ROOM que oferecem “mil trabalhos escolares prontos”, a cópia on-line, ou como me afirmara um colega de profissão os trabalhos “CTRL C – CTRL V”, onde até a leitura (mesmo sem esforço para compreender o que se estava lendo) era indispensável para o “trabalho” manual de transcrição, agora basta “colar” e, em segundos, está pronta a “pesquisa”.

No *quinto momento*, procedemos a apresentação de cada trabalho em sala, agrupados por temas específicos dentro da temática geral, com o objetivo de socializar as diversas abordagens, este momento constituiu-se numa primeira conclusão da pesquisa historiográfica, com a nossa contribuição na coordenação das apresentações procedendo as necessárias complementações, a amarração e a sistematização dos diferentes trabalhos.

“Fechando” a atividade, tivemos ainda, a possibilidade de realizar um *sexto momento*, quando pudemos proceder a uma reflexão sobre situação atual das comunidades indígenas brasileiras, trouxemos à escola, no dia 18 de abril (véspera do dia do Índio), representantes das nações Geripankó, Karuazu, Kalankó e Kouipanká, todas do alto sertão alagoano, que estavam acampados na sede da FUNAI, na capital alagoana, reivindicando o reconhecimento por parte do Governo Federal daquelas nações além da demarcação de suas terras. Convidados para debater com os alunos sobre a situação atual dos índios no Brasil, a presença deles mobilizou toda a comunidade escolar num rico e produtivo debate, que terminou com todos índios, alunos e professores dançando o Toré. A riqueza que esse momento proporcionou para todos, com certeza, ficará gravado na mente, nas consciências e no coração de crianças, jovens e adultos, alunos, professores e funcionários de nossa escola. Um momento de troca de experiências, de produção do saber que jamais teria sido atingido numa aula expositiva tradicional, por mais competente que fosse o profissional, por melhor que fosse o planejamento da aula.

No debate com os índios questões como discriminação, preconceito e medo foram levantadas como elementos inibidores para os remanescentes assumirem sua identidade cultural publicamente. “É preciso ter coragem para assumir que é índio, é correr risco de vida”. Afirmou o índio Geripankó Agamenon, referindo-se às disputas pela propriedade das terras com os grandes proprietários. Uma questão bastante discutida estava relacionada com a aparência física (missigenação) e a alguns hábitos tidos como sendo do homem branco (roupa, tv, carro, celular), afirmando-se o direito do

índio de ser civilizado. Perguntas sobre as diferenças e conflitos entre índios e nações, sobre o casamento, os rituais e cultos religiosos, sobre a forma de prover a subsistência hoje, sobre a questão das drogas (numa referência direta a música cachimbo da paz), entre outras questões emergiram da curiosidade e do encantamento de todas as pessoas presentes no evento. Encerramos a visita com uma apresentação do Toré, inicialmente, sozinhos depois um a um os índios foram puxando alunos e professores para dançar com eles, culminando com uma grande festa de conagração, dessas etnias que compõe a sociedade brasileira.

Essa visita nos levou a sétimo momento, Voltamos, mais uma vez, aos textos dos alunos, para que eles pudessem acrescentar às suas produções os novos elementos que aquele contato possibilitou, comparando e confrontado a sociedade indígena no período anterior ao “descobrimento” com o momento atual, aquele momento impar, pois em xeque aquela concepção do “bom selvagem” do período pré-cabralino, apontando para a superação de uma visão romântica dos primeiros habitantes destas terras (homens e mulheres semi-nús, pele avermelhada, cabelos escorridos) como afirmara o cacique Agamenon “ser índio é mais do que atender a um determinado padrão biofísico é uma questão cultural, de resgate e preservação de nossa cultura de nossos hábitos de nossos costumes de nossa religiosidade”.

Finalmente concluímos nosso trabalho com a finalização dos textos, que foram expostos em murais para o conhecimento de toda a comunidade escolar.

A avaliação da atividade se deu de forma processual, desenvolveu-se paralelamente ao conteúdo nas diversas etapas do projeto, como um elemento constitutivo do processo de ensino e aprendizagem. Efetivando-se no fazer e refazer, como um momento de ação e reflexão sobre questões levantadas a partir de respostas formuladas, gerando novas questões e novas reflexões. Desta forma, a avaliação das atividades, longe de representar um fim em si mesmo, constituía-se num recomeço, num refazer, numa possibilidade de retomada da produção dos alunos, dentro de uma perspectiva construtivista.

Quanto à atividade como um todo, avaliamos que esta se constituiu num momento muito rico, que possibilitou a construção do conhecimento a partir de elementos e reflexões iniciais dos alunos aprofundadas nos debates e nos momentos de pesquisa no livro didático e, principalmente, a partir do contato direto com o grupo indígena, trazendo para eles a verdade a partir da ótica dos próprios índios sobre a realidade dura desses povos e sua luta pela sobrevivência, pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de sua cultura e mais, sensibilizando nossos alunos para a sua causa.

### **Referências bibliográficas:**

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história /  
Brasília: MEC / SEF, 1998.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto  
Alegre: Editora Mediação, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortes, 1994. (Coleção Magistério).

NIDELCOFF, Maria Tereza. As ciências sociais na sala de aula. São Paulo: Brasiliense,  
1987.